

Transição capilar: acontecimento e experiência no canal Ana Lúcia Lopes¹

Mayra Bernardes²
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

Resumo

Neste artigo, proponho a análise de vídeos do canal no YouTube Ana Lúcia Lopes, uma das principais *youtubers* brasileiras especializadas no cuidado com os cabelos crespos e cacheados no Brasil, buscando compreender como sua transição capilar é vivida e narrada por ela em diferentes momentos da sua vida e do canal que administra. Para isso, buscamos tecer um diálogo entre o material analisado e uma visada pragmatista e interacional dos conceitos de experiência e acontecimento.

Palavras-chave: Acontecimento, Experiência, Transição capilar, YouTube.

1. Breve história do tratamento dos cabelos crespos e cacheados no ocidente

Não é novidade que a indústria brasileira de produtos de higiene pessoal, perfumaria e cosméticos é, tradicionalmente, um dos segmentos mais fortes da economia nacional. Atualmente, as brasileiras representam 7% do consumo mundial de produtos de beleza e higiene pessoal, ocupando a quarta posição no ranking mundial e ficando atrás apenas dos Estados Unidos, China e Japão³.

Apesar do momento ser de crise econômica no Brasil, os gastos com academia, cosméticos e tratamentos em clínicas de estética foram os que menos sofreram cortes no orçamento das famílias brasileiras⁴. Tais dados demonstram, numa perspectiva relacional de análise, que a beleza continua sendo um dos valores mais importantes na sociedade brasileira e ocidental, especialmente para mulheres.

Dentro dos elementos que compõem a apreciação estética do corpo humano, a relevância social do cabelo talvez seja a mais marcante, podendo ser observada, segundo Quintão (2013), desde o Antigo Egito, em que homens e mulheres já

¹ Trabalho apresentado na DT 5 – Comunicação Multimídia do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Mestranda em Comunicação no PPGCOM-UFMG, e-mail: mayrabernardesc@gmail.com

³ De acordo com dados disponibilizados pela ABIHPEC (Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos em 2016, que levam em consideração dados de consumo internos e externos. Dados disponíveis em: <https://flowpaper.com/online-pdf-viewer/?theme=dark&pdf=https://www.abihpec.org.br/novo/wp-content/uploads/PANOMARA-DO-SETOR-2016.pdf&title=&header=&thumbs=1&modified=170519854>. Acesso em abril de 2018.

⁴ De acordo com dados do estudo mencionado acima.

mantinham hábitos estéticos ainda presentes no nosso cotidiano, como cortes de cabelo, tranças, penteados, tingimento e raspagem de cabelos, e fazendo uso de adornos, apliques e perucas, que já movimentavam um mercado consumidor primitivo de cabelos e produtos destinados ao cuidado destes. Mesmo após séculos de transformações de hábitos, práticas, crenças e tradições, atualmente, os produtos para cabelos e banho se encontram em terceiro lugar no *ranking* de produtos mais consumidos no mundo.⁵

Historicamente, o cabelo veio se tornando, então, um dos traços fenotípicos mais marcantes e evidentes de nossa ancestralidade, denotando não apenas nossa etnia, como também nosso status e pertencimento social e sendo, também, uma ferramenta de performance individual e coletiva, conforme observa Quintão (2013). Por isso, a autora afirma que, pelo menos desde o século XIX, o cabelo começou a ser utilizado como critério de demarcação identitária, o que serviu de apoio às ideologias racistas que promoviam o ranqueamento de origens e características étnicas centrados num ideal de beleza branco e eurocêntrico.

No Brasil, Nilma Lino Gomes é uma das referências mais importantes no estudo do papel desempenhado pelos cabelos e pela cor da pele na construção da identidade negra. Em “Sem perder a raiz – corpo e cabelo como símbolos da identidade negra”, livro publicado em 2006, a autora ressalta os efeitos sociais e psicológicos nocivos do racismo arraigado em nossa sociedade desde o período da colonização, que impõe um padrão estético branco - em que os cabelos "bons" são os loiros e lisos – para uma população majoritariamente negra de origem africana. A autora também destaca o modo como esse padrão de beleza serviu (e ainda serve) como justificativa para o desenvolvimento de uma indústria bilionária de cosméticos criados com o objetivo de apagar ou atenuar traços negros desviantes do ideal branco, como cremes clareadores de pele, alisantes de cabelo, entre outros.

As tentativas de resistência a esse padrão não são novidade, conforme observa Quintão (2013). Em meados de 1960, o movimento feminista negro norte-americano tinha como uma de suas principais propostas a valorização da identidade negra e de todos os seus traços fenotípicos, incluindo o cabelo. Isso fez com que os penteados *black power* – que consiste no uso dos cabelos crespos naturais, extremamente volumosos, em resposta à tentativa de discipliná-los com alisamentos e penteados “disciplinadores”, despontassem internacionalmente como um penteado da moda, e que

⁵ Idem.

acabassem caindo no gosto popular. Ainda segundo a autora, essa estética negra mais natural teria vigorado até o início dos anos 1990, quando que a moda dos cabelos lisos e “disciplinados” voltou com força total. A partir desse período, Quintão (2013) afirma que:

Inúmeras são as opções para atender a todos os tipos de necessidades, sempre partindo de um mesmo fundamento: adequar os cabelos das mulheres aos padrões estéticos vigentes, o que, no caso do Brasil, significa *discipliná-los*, demonstrando saúde dos fios e mantendo uma aparência “*natural*” dos cabelos. (QUINTÃO, 2013, p. 22)

Quintão (2013) afirma, em sua dissertação, que a moda dos cabelos lisos e disciplinados permanece até os dias de hoje. No entanto, o movimento de valorização de uma estética negra que tem novamente os cabelos crespos e cacheados como foco tem ganhado força desde a virada dos anos 2010, recebendo uma nova nomenclatura: a *transição capilar*.

Pode-se dizer que a transição capilar, enquanto pauta política, tem seu início nas plataformas digitais, podendo ser caracterizada como fenômeno cibernético, como demonstraremos a seguir. De acordo com o gráfico gerado pelo Google Trends⁶, o termo “transição capilar” começa a aparecer de maneira relevante em 2008, e vai crescendo exponencialmente até atingir seu pico máximo de popularidade em janeiro de 2017.

2. Transição capilar como experiência

Pelo seu caráter inicialmente espontâneo, é quase impossível apontar quais foram as responsáveis pelo início do movimento de transição capilar e onde exatamente ele começou. Alguns indícios apontam para o grupo “Cacheadas em Transição”, criado no Facebook em maio de 2012 e que conta com mais de 100 mil membros entre homens e mulheres de todas as idades que buscam apoio para passar pelo processo da transição capilar, além de trocarem dicas e ideias que facilitam esse processo e contarem suas histórias de vida.

No entanto, para explicarmos o que é a transição capilar, acionaremos o discurso de uma youtuber, Ana Lídia Lopes, que se tornou uma *digital influencer* após compartilhar, por meio de vídeos e posts, o seu processo de transição capilar.

⁶ Ferramenta do Google que permite analisar a evolução do número de pesquisas de uma palavra-chave a partir de 2004. Pesquisa realizada em julho de 2017, e disponível em:
<https://trends.google.com.br/trends/explore?date=all&geo=BR&q=transi%C3%A7%C3%A3o%20capilar>

Ana Lúcia Lopes é uma jovem *youtuber*, que nasceu e reside em Unai, no interior de Minas Gerais. Seu canal, “Apenas Ana”, existe desde 2012, e na seção “Sobre” de seu site⁷, ela conta:

Depois de muito tempo tentando esconder minhas raízes, resolvi me libertar dos alisamentos – chapinha, química, etc – que estavam escravizando meu cabelo e minha personalidade. No início de 2014 decidi entrar em transição capilar, mas não sozinha. Criei o Projeto #**VoltandoAosCachos** pra compartilhar com meus seguidores essa minha mudança. Hoje, várias meninas inspiraram-se na minha história e resolveram assumir seus cabelos também. Digo e repito: não é só cabelo... É autoestima, autoconfiança, autoaceitação.

O projeto #**VoltandoAosCachos**, criado por ela, teve início junto com a sua transição capilar. Utilizando a hashtag como aglutinadora de sua narrativa de transição capilar, ali encontramos posts de Ana Lúcia e de suas seguidoras que também passaram e passam pela transição, mostrando o progresso do crescimento do cabelo e seus *Big Chops*, parte fundamental desse processo na qual as meninas cortam as partes alisadas do cabelo, deixando seus cabelos 100% naturais de novo.

Assim como narra Ana Lúcia em sua pequena autobiografia mencionada acima, a transição capilar, então, é uma fase compreendida entre a decisão de parar de alisar quimicamente ou termicamente os cabelos, deixá-lo crescer até um comprimento desejado, e cortar as partes quimicamente alisadas que restaram, ou de uma vez só – ação que recebe o nome de Big Chop, “grande corte”, em português -, ou várias vezes. Esse processo, apesar de parecer simples, é longo e complexo, pois envolve, além de uma dimensão individual, outra dimensão social e política, ao remexer em fatores psicológicos e sociais ligados à autoestima e autoaceitação das mulheres, sobretudo as negras que estão mais distantes de um ideal de beleza europeizado.

Por isso, pensamos aqui a *transição capilar* sob a ótica do conceito de experiência desenvolvido pelos autores pragmatistas G.H. Mead e John Dewey, que acreditavam que toda experiência possui uma dimensão interacional e prática, já que os sujeitos, ao mesmo tempo em que agem, sofrem as consequências, mesmo que pequenas, daquela ação. De acordo com Dewey, em “*Tendo uma experiência*”,

toda experiência é o resultado de interação entre uma criatura viva e algum aspecto do mundo no qual ela vive. Um homem faz algo; levanta uma pedra, por exemplo. Em consequência padece, sofre alguma coisa: o peso, a

⁷ Descrição retirada do site oficial da *youtuber*. Disponível em: <http://apenasana.com.br/sobre/>, acesso em julho de 2017.

resistência, a textura da superfície da coisa levantada. As propriedades assim sofridas determinam o agir subsequente. A pedra é excessivamente pesada ou muito angulosa, ou não é suficientemente sólida; ou, ainda, as propriedades sofridas mostram que ela é adequada para o uso para o qual foi pretendida. O processo continua até que emerja uma adaptação mútua do eu e do objeto, e então tal experiência específica alcança um término. (DEWEY, 1980, 95-96)

Ao falar pela primeira vez sobre transição capilar, ainda que não a nomeie como tal logo no início de seu primeiro canal do YouTube, Ana Lúcia aparece com um visual bastante diferente daquele que adota hoje. Seus cabelos estão alisados, curtos e presos para trás, e a forma é levemente ondulada, quase lisa, a não ser na raiz, onde seu cabelo crespo original já começa a apontar, resultado do início de sua transição capilar.

Figura 1 – Ana Lúcia Lopes no início de seu projeto de transição capilar, em 2014. **Fonte:** YouTube.



Nesse primeiro vídeo⁸, Ana Lúcia começa a expor os motivos que a levaram a alisar e cortar o cabelo, e em seu depoimento já é possível notar que, até então, sua experiência com o trato dos cabelos e sua própria autoestima era fortemente afetada pelo ambiente em que vivia, pois ela relata que sempre foi insatisfeita com seu cabelo, que não conseguia achá-lo bonito e que por isso ela e a mãe, quando ela tinha 10 anos de idade, procuraram uma forma de “melhorá-lo”, e foi quando ela decidiu fazer seu primeiro alisamento químico. Segundo ela, “na primeira vez que eu fiz, meu cabelo ficou lindo e maravilhoso, acabou com o volume, os cachos ficaram super definidos, e eu fiz no cabelo todo (...) e nessa primeira vez que eu fiz, ficou ótimo”, dando a ver o que Gomes (2006b, p.3) chama de “conflito racial vivido por negros e brancos”, que coloca as características fenotípicas brancas, como o cabelo liso e sem volume ou os

⁸ “Quero meus cachos de volta! #VoltandoAosCachos”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Ir2c168AH2M&t=316s>>. Acesso em julho de 2017.

“cachos definidos” como bonitas e desejáveis, e as características fenotípicas negras, como o cabelo crespo e volumoso, como feias e indesejáveis.

No entanto, todo alisamento químico, apesar de ser mais duradouro do que os alisamentos térmicos (escova e chapa quente), têm um efeito/duração limitado, já que os cabelos crescem novamente crespos e isso “atrapalha” o efeito liso proporcionado pela química. Portanto, inicia-se um ciclo vicioso em que as usuárias precisam fazer o mesmo procedimento químico repetidas vezes para que o cabelo continue liso, o que, evidentemente, começa a minar a saúde dos cabelos, provocando queda excessiva, quebra e ressecamento. Sobre isso, Ana Lídia narra, ainda no primeiro vídeo:

“com o tempo, a raiz do meu cabelo ia crescendo, e o que acontecia, a raiz crescia volumosa e eu tinha que retocar quase todo mês, porque o cabelo ficava baixo aqui [nas pontas] e alto aqui [na raiz] e ficava muito feio. Só que com o tempo, o relaxamento foi acabando com o meu cabelo, ele foi ficando todo esticado, cheio de pontas duplas, sem falar que ele começou a cair muito. Eu lembro que eu ia pentear o cabelo e eu puxava assim ó [imitando o gesto] e saía tipo uma tocha de cabelo, uma mecha, parecia que era aplique, era horrível. Nossa, sério, nunca façam relaxamento, nunca nunca, nunca, é muito horrível! Só que eu só fui me tocar que o relaxamento tava acabando com o meu cabelo lá pelo final de 2011, e foi aí que eu decidi que eu tinha que parar de fazer relaxamento.”

Isto posto, podemos dizer que a experiência da transição capilar toma forma muito antes que a decisão de parar de alisar o cabelo aconteça, já que aquele procedimento jamais produzirá o resultado esperado de forma permanente e terá que se repetir indefinidamente até que seja necessário aceitar suas raízes e por um fim ao ciclo. Essa é a dimensão de *travessia* da experiência, apontada por Simões (2012, p. 89), ao dizer que a experiência “se constitui a partir da ação de um indivíduo, que inicia o percurso e, ao mesmo tempo, sofre algo em consequência daquela primeira ação.”

Ana Lídia diz, então, que parou de alisar os cabelos há aproximadamente um ano, e que desde então vem sofrendo represálias de outras pessoas por ter deixado de alisar o cabelo e por ter abandonado os cabelos longos e lisos que usava anteriormente. No entanto, afirma estar decidida a ignorar as críticas e comentários negativos e vai deixar “seus cachos se mostrarem” (sic). Depois, ela explica que irá compartilhar o passo a passo da recuperação dos seus cabelos naturais através do projeto “Voltando aos Cachos”, composto por uma série de vídeos e posts feitos por ela sobre o assunto com o intuito de buscar o apoio das leitoras/espectadoras, e de servir como um incentivo a outras que terão que passar pelo mesmo processo.

Ainda nesse momento, Ana Lúcia não descreve seu projeto de voltar aos cachos como transição capilar e não atribui à sua decisão de parar de alisar os cabelos nenhum peso político, de resistência a um padrão de beleza eurocêntrico. No entanto, nos próximos vídeos, ela começa a fazê-lo, e, seis meses depois, em agosto de 2014, a *youtuber* publica um vídeo consideravelmente longo, chamado “Meu big chop + a história do meu cabelo #VoltandoAosCachos”⁹, em que mostra seu *Big Chop* e diz do quanto é difícil tomar a decisão de passar pela transição capilar, e o quanto o ambiente em que vivia tinha influência sobre a sua autoestima e seus conceitos de beleza, contribuindo para que se sentisse constantemente oprimida, desde a infância, por um padrão estético eurocêntrico que era uma referência para ela. Em suas palavras:

“Meu conceito era que se a pessoa não tivesse o cabelo liso ela não era bonita. (...) Na televisão, as mulheres mais bonitas pra mim elas eram as que tinham o cabelo liso, e até mesmo porque as pessoas mostram isso pra gente. Foi sempre assim, as pessoas sempre tiveram um pouco de preconceito com o cabelo cacheado. Você liga a televisão e tem o quê? Propaganda de chapinha, de secador, de alisante... Sempre mostram uma mulher com o cabelo cacheado e volumoso como se ela fosse feia antes e só tivesse ficado bonita depois que alisou o cabelo... eu cresci desse jeito, acreditando nisso.”

No mesmo vídeo, Ana Lúcia muda seu posicionamento acerca dos pretensos efeitos benéficos de seu primeiro alisamento químico, dizendo que todo o procedimento foi sofrido, que sentiu muita dor e ardência na aplicação do produto e que nunca se sentira verdadeiramente satisfeita com os cabelos alisados, mesmo quando a sua raiz crespa ainda não havia crescido. Ela argumenta, então, que começou a mudar a maneira como via seus próprios cabelos quando começou a entender o que era transição, e que entender esse processo dessa maneira mudou a sua vida.

Essa reconfiguração da experiência de Ana Lúcia com a transição, em que passa a exibir pela primeira vez os cabelos crespos volumosos e a dramatizar a narração dos alisamentos e de sua transição é um marco em seu canal, e também em sua carreira de *youtuber*. Antes do primeiro vídeo da série “Voltando aos Cachos”, seus vídeos tinham em média 10 mil visualizações, após o vídeo do Big Chop – que, sozinho, tem pouco mais que 500 mil visualizações, seu vídeo menos assistido tem 17 mil visualizações. Com isso, surge sua primeira parceria com uma empresa privada – a revista *Capricho* -, que dura todo o ano de 2015, e ela começa a receber cosméticos capilares de uma série de marcas, o que a leva a mudar a estética dos vídeos, que ganham um ar mais

⁹ “Meu big chop + a história do meu cabelo #VoltandoAosCachos”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=-Gv7L-Kui6k>>. Acesso em julho de 2017.

profissional, passando a ser feitos com uma câmera melhor, em um espaço mais iluminado, melhor decorado e mais “montado” do que o lençol florido que servia de cenário de seus vídeos no início do canal. Essa ascensão faz com que Ana Lúcia abandone o canal que usava até então, e inicie um novo, que é utilizado até hoje e no qual todos os vídeos se enquadram nessa nova estética “profissional” de seus vídeos.

Figura 2 - Ana Lúcia Lopes no vídeo *Meu big chop + a história do meu cabelo #VoltandoAosCachos*. Fonte: YouTube.



Dada a intensa transformação vivenciada por Ana Lúcia a partir do compartilhamento e narrativização de sua transição capilar, é importante ressaltar a importância da linguagem na efetivação e na constituição das experiências, pois, segundo Rodrigues (1991, p. 27),

A experiência da vida insere-se na relação do homem com o mundo, consigo próprio e com os outros. É nas manifestações simbólicas da cultura que o homem preenche o abismo que o separa das coisas, de si próprio e dos outros, acedendo assim à consciência reflexiva e à experiência da vida em comum. **Pela linguagem, experiência simbólica por excelência, o homem prossegue o ilimitado trabalho de preenchimento deste abismo e a elaboração de um sentido para o enigma da vida.** (grifo nosso)

Portanto, é possível afirmar que as experiências têm a capacidade de acionar signos culturais que auxiliam na compreensão e comunicação de seu padecimento e das transformações provocadas por ela, não apresentando, segundo Simões (2012, p. 90), um caráter inaugural em cada contexto, mas se inserindo em um fluxo que a antecede e, permitindo que novos elementos simbólicos se instituem a partir dela. Por isso, a *tag* #VoltandoaosCachos, iniciada por Ana Lúcia nas redes sociais, continua ativa até hoje, aglutinando mais de 130 mil postagens somente no Instagram e contando com posts da

própria *youtuber*, que diz ter finalizado sua transição capilar mas continua atualizando esse grupo.

3. A dimensão acontecimental da Transição Capilar de Ana Lídia Lopes

Na trajetória de vida de Ana Lídia Lopes, podemos observar que a transição capilar deixa de ser vista apenas como uma experiência vivida pela *youtuber* e se transforma em algo maior a partir do momento em que ela passa a recontar essa vivência como ponto culminante de seu desabrochar identitário e como razão que justifica seu sucesso online. Em seu novo canal, Ana regrava alguns vídeos que repetem os temas de vídeos anteriores e mostram novos pontos de vista sobre sua transição; nesses vídeos, ela também adiciona novas camadas de sentido sobre os motivos que a levaram a passar por aquela experiência, e o que ela representou na sua vida até aquele momento, muitas vezes resgatando ou reassistindo seus vídeos mais antigos.

Em 2015, exatamente um ano após a publicação do vídeo em que mostra seu *Big Chop*, Ana Lídia grava um vídeo comemorativo¹⁰ dessa data, o que demonstra a importância que passa a ser conferida por ela àquele momento. Além de recontar os motivos – que já tinham sido explicados no primeiro vídeo – que a levaram a cortar o próprio cabelo, ela acrescenta novas informações, como por exemplo, que ela queria “ter o prazer de, eu mesma, cortar e sentir que estou me libertando de uma coisa que me fez escrava por muito tempo”, e que a partir daquele vídeo, ela passou a amar seu cabelo.

Por isso, é possível dizer que esse processo de valorização e re-vivência da experiência da transição de Ana Lídia faz com que esse momento seja visto por ela como um *acontecimento*, que, para Quéré apud Simões (2014), é algo que se destaca de um contexto ao ser descrito e narrado, assumindo, assim, uma nova existência a partir do processo de simbolização. Os autores defendem ainda que, para Dewey, “o acontecimento deve ser apreendido sob a categoria do *becoming*, ou seja, da mudança existencial.” (QUÉRÉ, 2011, p. 23).

Para compreender o acontecimento como tal, Simões (2014, p. 183) aponta alguns eixos em articulação que fazem parte do percurso interpretativo – que também pode ser entendido, na perspectiva de Quéré como um “processo de individuação” do

¹⁰ “1 ANO DE BIG CHOP: O que mudou na minha vida!”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=OlgJNK4xIj4>>. Acesso em julho de 2017.

acontecimento. São eles: a descrição, a narração e a configuração de um pano de fundo pragmático. O primeiro se refere à identificação da ocorrência, o segundo, à inscrição temporal e simbolização da ocorrência, e o terceiro, à formação de públicos a partir da ocorrência.

No canal de Ana Lúcia Lopes, esses três eixos se fazem presentes em vários vídeos, e aqui destacaremos alguns na tentativa de elucidá-los. O primeiro eixo, da descrição, pode ser observado no vídeo intitulado “Reagindo aos meus vídeos antigos”¹¹, em que a *youtuber* reassistiu a dois vídeos “antigos” do seu canal e comenta os dois, criticando-os e descrevendo quem era ela naquele momento e o que “aconteceu” em cada um deles. No primeiro trecho que comenta, a fala que mais se destaca é quando ela afirma que ela mesma “parece outra pessoa, parece que eu não tô assistindo eu”, e em seguida ressalta as técnicas de maquiagem, fotografia e oratória que aprendeu desde a realização daquele vídeo específico. Já no segundo trecho, ela reassistiu ao primeiro vídeo da tag Voltando aos Cachos, e diz que “depois desse vídeo que as coisas foram acontecendo”, e também que não esperava que “tudo aconteceria” depois desses vídeos, aproveitando a oportunidade para às pessoas que transformaram a sua vida: os fãs e as marcas que a patrocinaram e patrocinam até hoje.

Nessa situação, fica clara, mais uma vez, a dimensão acontecimental atribuída à transição capilar de Ana Lúcia, em que esse processo “cria com sua unicidade um passado e um futuro”, e torna-se “uma história e uma profecia” (MEAD, 1934, p. 23). Observamos, também, aquilo que Simões (2014, p. 176) propõe acerca do potencial heurístico dos acontecimentos, em que eles tanto apontam para o passado quanto para o futuro que eles inauguram, e que, na vida da *youtuber* é a experiência de transição recontada e revivida periodicamente por ela e suas seguidoras.

O segundo eixo proposto por Simões (2014, p. 184) é o da narração, que “resgata o acontecimento como uma entidade temporal, que promove aberturas em relação ao passado e ao futuro, e a sua passibilidade, na medida em que aponta para os sujeitos que movem a intriga e, ao mesmo tempo, são afetados pelo acontecimento”. No canal de Ana Lúcia vemos vários exemplos de narrações e re-narrações de sua transição capilar; além do vídeo citado no início da seção, em que Ana Lúcia “comemora” um ano da publicação do vídeo de seu *Big Chop*, ela publica, em maio de 2016, o vídeo “A

¹¹ “REAGINDO AOS MEUS VÍDEOS ANTIGOS | #AnaTodoDia 02”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1Yc31n6bYJs>>. Acesso em julho de 2017.

história da minha vida”¹², em que conta, com a ajuda de seus pais e amigos, sua história de vida a partir da sua relação com o seu cabelo. Nesse vídeo, ela constrói uma linha do tempo em que conta, em ordem cronológica, situações que definem quem ela é no presente, resgatando fotos e momentos desde a infância até o momento em que decide passar pela transição capilar e fazer seu *Big Chop*. Também articula, em uma narrativa coerente, qual o papel desempenhado por cada um dos personagens que aparecem no vídeo, apresentando uma *autobiografia* da sua transição capilar.

Para o terceiro eixo, da “configuração de um pano de fundo pragmático” (SIMÕES, 2014, p. 184), convocamos aqui a fala das seguidoras de Ana Lídia, que são muito importantes para que ela passe a considerar sua transição como um acontecimento. No vídeo “Quando sua autoaceitação muda muita gente”¹³, publicado em abril de 2016, ela convida algumas seguidoras do canal que residem em Unaí para contarem, por meio de entrevistas com ela, o porquê de seguirem o canal. Já no texto de apresentação do vídeo, ela diz que, após aquelas conversas, percebeu que a mudança que houve na vida dela era só o início da mudança na vida de muitas pessoas. A primeira seguidora afirma, na entrevista, que os vídeos de Ana Lídia serviram de motivação para que ela entrasse em transição, e acrescenta que além da transição mudar o seu jeito de pensar, que os vídeos da *youtuber* mudaram “as meninas da cidade”, pois ela andava por Unaí e “quase não via meninas de cabelo cacheado”, e atualmente isso seria diferente.

Considerações finais

Vimos, ao longo do artigo, que a *transição capilar* é uma experiência complexa, que convoca questões políticas, históricas e psicológicas para serem compreendidas. No início do artigo, construímos, a partir dos trabalhos de Quintão (2013) e Gomes (2006a, 2006b), uma relação entre a prática cultural de cuidar dos cabelos e sua relação com diferentes contextos históricos e sociais, buscando demonstrar que falar de cabelos crespos é, também, falar de dominação, racismo e resistência.

Os trabalhos escolhidos para essa fazer essa relação definem os cabelos crespos e cacheados como uma característica fenotípica *essencialmente* negra, e discorrem sobre

¹² “A HISTÓRIA DA MINHA VIDA Grande Final Desafio Méliuz”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zCfCVLRvGgU&t=836s>>. Acesso em julho de 2017.

¹³ “Quando sua autoaceitação muda muita gente”. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=q5woj4uu8w>>. Acesso em julho de 2017.

os efeitos nocivos que o processo de colonização europeu causaram na população colonizada, em que as características fenotípicas brancas, como os cabelos e pele claras, passaram a ser consideradas como “boas” e quaisquer outras, incluindo as características fenotípicas negras, como “ruins”. Esse ranqueamento acabou dando origem, posteriormente, a uma indústria de cosméticos voltada para a comercialização de produtos que prometem “consertar” características desviantes do padrão de beleza branco, e que lucra bastante com o desmantelamento de *uma* identidade negra.

Apesar de concordarmos com essa visão, é importante nos atentarmos para o fato de que o movimento de *essencialização* de características fenotípicas também cria uma visão única e pouco complexa do que é ser negro. Por isso, é importante dizermos sempre que essas características fenotípicas são próprias de *uma* identidade negra, mas não são as únicas definidoras do que é ser negro. Neste sentido, Paula (2012) propõe uma reflexão mais ampla sobre os traços fenotípicos das negritudes, defendendo que há várias maneiras de se performar a negritude que não passam pela estética dos cabelos naturais, e que essencializar essa estética é reproduzir um discurso “insensível à possibilidade de as negritudes fazerem uma pluralidade de performances” (PAULA, 2012, p. 5).

No entanto, é preciso reconhecer a importância que canais como o de Ana Lúcia têm em nosso contexto cultural, e que a divulgação de experiências como a *transição capilar* e de discursos que valorizem os cabelos crespos e cacheados pode ser considerada também uma questão de saúde física e mental, pois ambos vão na contramão dos procedimentos químicos invasivos e muitas vezes tóxicos que se tornaram comuns na última década.

Não é à toa que marcas que antes se dedicavam exclusivamente à fabricação de produtos voltados para o alisamento dos cabelos, como a Salon Line, agora estejam investindo pesado no desenvolvimento e no marketing de produtos voltados para a valorização e embelezamento dos cabelos naturalmente crespos e cacheados. O sucesso de canais de jovens negras crespas, como o de Ana Lúcia, que aglutinam centenas de milhares de seguidoras que se inspiram em suas experiências de transição capilar, acaba servindo, também, como uma fonte preciosa de potenciais consumidoras de produtos para cabelos em transição, crespos ou cacheados.

Portanto, podemos dizer que, no contexto do canal de Ana Lúcia, o ato de narrar sua experiência de transição capilar ganha uma dimensão que vai além das motivações

particulares da *youtuber* e de seu espaço privado, constituindo, assim, um acontecimento acessível aos mais variados públicos e finalidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DEWEY, John. **Tendo uma experiência**. In: LEME, Murilo O. R. P. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980. p. 89-105.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2006a.

_____. **Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**/Body and hair as symbols of black identity. In: Revista Rizoma, UFSC. Florianópolis: 2006b. Disponível em: <http://www.rizoma.ufsc.br/pdfs/641-ofl-stl.pdf>

MEAD, George Herbert. *Mind, self and society*: from the standpoint of a social behavior. Chicago: University of Chicago, 1934.

PAULA, Rogéria Costa de. **Corpo Negro - Mídiação de Raça**. III Simpósio Nacional Discurso, Identidade e Sociedade, Campinas. São Paulo, 2012.

QUÉRÉ, Louis. Les formes de l'événement. Pour un réalisme pragmatiste. In: *II CIS*: Acontecimento: Reverberações, 2011, Belo Horizonte, MG. p. 1-24.

QUINTÃO, Adrianna M. P. **O que ela tem na cabeça?** Um estudo sobre o cabelo como performance indenitária. 2013. 196 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2013.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Arte e experiência**. Revista de Comunicação e Linguagem: a experiência estética, Lisboa, n. 12/13. p. 25-33, jan/1991.

SIMÕES, P. G. **O acontecimento Ronaldo**: a imagem pública de uma celebridade no contexto social contemporâneo. 2012, 282f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) — Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

SIMÕES, P. G. **O acontecimento e o campo da Comunicação**. In: FRANÇA, V.; ALDÉ, A.; RAMOS, M. (orgs) *Teorias da Comunicação no Brasil: reflexões contemporâneas*. Salvador: Edufba, 2014.